

Crítica à economia externa de Reagan. Por um grande jornal dos EUA.

"Por que deveriam os brasileiros pagar pelos déficits públicos nos Estados Unidos?", perguntou o jornal **The Washington Post** num de seus editoriais de ontem, comentando o problema da dívida externa dos países da América Latina.

O editorial do influente jornal recomenda ao governo Reagan que "leve a sério" a recente advertência conjunta dos presidentes de Brasil, México, Argentina e Colômbia de que não permitirão que os pagamentos de juros submetam os seus países a uma paralisia econômica prolongada.

"Os latino-americanos sabem perfeitamente que a razão para a alta das taxas de juros é que o sr. Reagan está incorrendo em déficits orçamentários enormes e não quer aumentar os impostos", afirmou o **Post**, acrescentando: "É uma realidade política o fato de que os governos latino-americanos não podem prosseguir impondo austeridade a seu próprio povo sem evidência de que os norte-americanos tomarão providência para pelo menos limitar esse ônus".

Para o grande jornal da capital norte-americana, "os governos desses países têm trabalhado de maneira desesperadamente dura, em boa fé, para saldar seus compromissos. A maioria aceitou os preceitos de uma austeridade bastante severa. Mas as crescentes taxas de juros nos Estados Unidos ficam exigindo (desses países) novos sacrifícios".

O aumento de 1,5 ponto de porcentagem nos juros, ocorrido nos últimos três meses, custará só ao Brasil algo em torno de um bilhão de dólares por ano, disse o jornal. "Só há um meio de o Brasil, ou qualquer outro país, pagar esses juros: através das exportações para o mundo industrializado. Quando a taxa básica de juros (*prime rate*) em Nova York aumenta de 11% para 12,5% como correu nesta primavera, isso representa um aumento de cerca de um sétimo na cobrança dos juros. Para fazer-lhe face, o Brasil tem de aumentar suas exportações em um sétimo. Isso não é pouca coisa. Para onde irão essas exportações? Os empresários

e os sindicatos norte-americanos já estão realizando uma campanha veemente contra a entrada de mercadorias estrangeiras em nossos mercados."

Em seguida, o editorial condena a sugestão do chairman do Conselho de Assessores Econômicos do Presidente, Martin Feldstein, no sentido de que esses países desvalorizem mais a sua moeda a fim de expandir as exportações. O tipo de desvalorização que Feldstein tem em mente, explica, significaria nova erosão dos padrões de vida em países que já experimentaram um substancial declínio.

Fontes diplomáticas latino-americanas acham que, apesar da insistência de Regan em afirmar que o sistema posto em prática está funcionando satisfatoriamente no caso de Brasil e México, por exemplo, Washington está preocupado com a nova postura dos presidentes da região. Para essas fontes, as negociações estão assumindo cada vez mais uma tonalidade política, graças à ingerência dos setores diplomáticos. Uma dessas fontes disse ontem que os tecnocratas estão perdendo a exclusividade nesse processo e que não está distante o momento em que os diplomatas participarão das conversas diretas com os credores.

Os diplomatas brasileiros, por exemplo, estão tornando-se muito mais ativos na área financeira, que até pouco tempo atrás era vista como seara alheia. Estão procurando informar-se "por conta própria e suas opiniões têm sido sondadas com maior frequência por banqueiros e membros da administração Reagan.

O que isto significa não é muito claro ainda. Bem situado funcionário norte-americano disse não ter notado até agora sinais substantivos de que o papel dos diplomatas cresceu nessas negociações. "Isso é o que eles gostariam de ver acontecendo", comentou. "Provavelmente teremos uma idéia melhor de seu papel depois da reunião dos latino-americanos".

**A.M.Pimenta
Neves, de Washington.**